

Conversão da dívida sairá em breve

BRASÍLIA — A regulamentação das normas para a conversão de parte da dívida externa brasileira em capital de risco será o próximo passo do governo, a curto prazo, visando resolver o processo de negociação do país com os credores internacionais, segundo anunciou ontem o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, após a concorrida solenidade de posse no auditório do BC.

Milliet considerou que o ajustamento cambial já foi conseguido com a “midi” da semana (quando o cruzado foi desvalorizado em 8,49%) e que agora é preciso adotar medidas complementares para dar consistência ao programa de ajustamento interno da economia. Na opinião do novo presidente do BC, o processo de endividamento externo do país “não pode ser superior ao do crescimento da economia”, sob pena de promover um completo estrangulamento do balanço de pagamento.

O primeiro passo para resolver o problema da dívida externa é a retomada dos investimentos de forma a evitar o “processo de fuga de capitais que poderia verificar-se num quadro econômico recessivo, possibilitando, numa certa medida, a conversão da

divida em investimento direto”, segundo imagina Milliet.

- 6 MAI 1987

— Diante disso é inaceitável imaginar que podemos colocar o serviço da dívida (o pagamento dos juros e outros encargos aos banqueiros) como prioridade a ser integralmente atendida — explicou. A esse respeito ele deu uma clara indicação das preocupações da nova equipe econômica. A necessidade de pelo menos 4 bilhões de dólares em dinheiro vivo, ainda no decorrer de 1987, era perfeitamente factível com um crescimento econômico da ordem de 7% ao ano. Com as novas metas de crescimento (3,5% no máximo este ano), as necessidades serão menores. No entanto, ele não soube precisar qual o novo montante que o Brasil vai pedir à comunidade financeira internacional.

Indagado sobre qual será a sua postura em relação ao Fundo Monetário Internacional (FMI), Milliet foi bastante claro e objetivo em suas considerações. Para ele, o Brasil é um dos sócios fundadores do Fundo e não existe qualquer razão para não se conversar com a atual missão técnica ora em visita ao país porque essa missão nada tem a ver “com auditorias ou monitoramentos”.

— Conversar é um ato civilizado — completou.

JORNAL DO BRASIL